

Editorial

Nós podemos e queremos resistir



Foto de Foto de Iarlaith McNamara/Pexels

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...¹.

Iniciamos este editorial da *Revista Longeviver*, em sua primeira edição do ano de 2022, talvez de modo pouco original, pois foi com esta citação de Paulo Freire que encerramos a última edição, que fechava o ano de 2021! Porque é necessário falar mais uma vez sobre o Esperançar? Pois o final do ano de 2021 indicava esperança de dias melhores, pois graças às vacinas a pandemia

¹ FREIRE, Paulo - *Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

parecia sob controle. Só que não! Novas variantes do vírus surgiram, antes do final do ano, indicando novas linhas de ataque.

Então, ao editar esta edição, ao final de dezembro de 2021, que imaginamos seria só comemoração, se encerra com preocupação. Mas, se o vírus resiste e faz mutações nós também podemos e queremos resistir, buscando também novas estratégias para *Longeviver* de modo saudável e digno.

Por isso, apesar dos desafios, devemos esperar e não desistir em nossa missão por uma longevidade digna e cidadã, que desde o início guiou nosso trabalho. Neste sentido destacamos que, nesta edição, 4 de seus artigos e 1 relato de experiência têm um verbo em comum: CUIDAR!

Segundo o teólogo Leonardo Boff (1999) “cuidar é mais que um ato; é uma atitude” e, assim como o esperar de Freire (1992), implica em ação, que implica responsabilidade ética e compromissada com o humano, processo no qual se impõe um cuidar generoso e amplo, uma atitude de zelo e de desvelo, de ocupação, preocupação, de responsabilização e envolvimento afetivo com o outro.

Neste sentido, nos lembramos do “cuidar da terra” como nos indica o Papa Francisco na Carta Encíclica ‘*Laudato Si’: sobre os cuidados com a terra “casa de todos nós”*’, na qual exorta a todos a uma atitude de abertura ante a complexidade das questões ecológicas, sinais das dificuldades dos humanos em ultrapassar os desafios da degradação, em vários níveis, como se comprovou com a pandemia, devida, em parte, ao já conhecido desequilíbrio ecológico.

O cuidar foi também o foco ante a pandemia – cuidar de nós mesmos, das nossas famílias, dos idosos, como grupo mais vulnerável, e da sociedade/governos e, especialmente, dos profissionais da saúde. Alguns artigos chamaram atenção para as equipes de saúde com grande número de mulheres – que cuidavam dos pacientes infectados, e tiveram de se afastar da própria família para evitar contágio², indicando a relevância do feminino na sociedade ainda desigual a este respeito (e em outros também...).

Já se fala hoje em uma ‘economia de cuidados’³ que sempre existiu, mas, na maior parte das vezes, não era ligada a ato de trabalhar formal, sem leis de proteção, salários de base, e outros direitos, e sempre em destaque o papel feminino, abordado também em uma das reflexões que compõe esta edição. Um inesperado convite a refletir sobre o papel feminino na sociedade e o valor do trabalho do passado para um futuro digno de ser vivido por todos.

Iniciamos usando, mais uma vez, do verbo **esperançar** e acrescido de **cuidar** como possibilidade de ‘**humanizar**’ o cuidado como a terra, com as relações de

² BITENCOURT, S.M. & ANDRADE, C. B. Trabalhadoras da saúde face à pandemia: por uma análise sociológica do trabalho de cuidado. *Ciênc. saúde coletiva* 26 (3), Mar 2021. Disponível em: www.scielo.br/j/csc/a/cmKVBgHrZpRCqVFjwgtmqJG/?lang=pt&format=html

³ Artigo O Valor dos Cuidados. *Jornal Valor Econômico* (impresso/ suplemento) em 12/11/2021.

trabalho, entre colegas e como política empresarial (utopia?), e as afetivas, sejam familiares ou de amizade.

Amizade é o tema de uma inédita reflexão, que não aborda o tema específico do envelhecimento, que nos faz pensar – a importância da amizade - considerada pelos gregos uma virtude cidadã. Afirmava o filósofo grego Aristóteles (384 a.C - 322 a.C) que "A amizade parece manter as cidades unidas [...]". Para ele era o elo fundamental entre ética (moral) e política, bem como o vínculo social por excelência, fazer do (bem) viver comum uma escolha.

Afirmava que "a amizade perfeita, ou a amizade em seu próprio sentido, era aquela fundamentada na virtude. A felicidade individual e a felicidade da cidade convergiam, segundo ele, na amizade". Talvez este seja o momento de refletir sobre o futuro das relações amplas e que constituem uma sociedade e as 'virtudes' de seus cidadãos, não como máquinas de produção, mas neste sentido amplo, como propõe o filósofo.

Para a humanização das relações ao longo da vida, mais justa e cidadã em todas as idades, é necessária uma atitude diferenciada, na qual a filosofia e a ética – na perspectiva existencial – guiem as ações do conjunto das sociedades para sua conscientização e ação política. Na longevidade surgem novos desafios e necessidades de cuidados e, nesta perspectiva, além de uma atenção política e social devemos preparar as populações para o cuidado de si - a autoconsciência – e o cuidado do outro, integrando os sentidos da própria trajetória e se abrindo ao entendimento no fundamental movimento de alteridade e troca – se reconhecer e respeitar; ser reconhecido e respeitado⁴.

Esperançar ainda... e sempre!

Desejamos aos nossos leitores que em 2022 possamos recuperar a Paz, a Saúde, e a Dignidade!

Beltrina Côrte e Vera Brandão
Editoras

⁴ RICOUER, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.